

As sucursais do Nordeste em solo carioca

Na Rocinha, 34,8%
dos moradores
vieram da região

• A Rocinha já tem 34,8% de seus moradores nordestinos. De acordo com estudo da FGV, o segundo maior pedaço do Nordeste no Rio é a Favela da Maré (30,5%). No estado, os maiores redutos estão em Carapebus (77% dos migrantes), Quissamã (74%) e Belford Roxo (65,8%). A migração influencia a culinária, com iguarias como o queijo coalho, e a cultura, com o forró.

VIDA SEVERINA



RAIMUNDO e o peixe seco que ele traz do Ceará para vender no Largo do Botafogo, na Rocinha

Onde o Rio é mais nordestino

Migrantes fazem da Rocinha e da Maré seus principais redutos

Raimundo Dingo de Melo, de 51 anos, cearense de Ipu, sabe onde vender seu peixe. De tempos em tempos ele viaja para o Ceará, compra produtos nordestinos — como peixe seco, manteiga de garrafa e feijão-de-corda — e os revende para os donos de sete barracas do Largo do Botafogo, na subida da Favela da Rocinha.

— Futuramente, pretendo montar minha própria barraca na Rocinha e em outros lugares do Rio muito frequentados por nordestinos — planeja Raimundo, que tem quatro irmãos na cidade.

A situação de Raimundo — que hoje se divide entre a casa no Ceará e o quarto alugado na Rocinha — é confirmada pelos números do pesquisador Marcelo Neri, do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV): a Rocinha é o maior reduto nordestino da cidade. Segundo o estudo da FGV, feito com base no Censo 2000, 34,8% de seus moradores são nordestinos.

A segunda maior concentração está na Favela da Maré: 30,5%. Depois aparecem a Zona Portuária (26%), o Centro (24,1%) e Santa Teresa (22,3%). Em Jacarepaguá — onde está a Favela de Rio das Pedras, outro importante reduto nordestino — o percentual é de 13,6%. O subúrbio de Irajá tem a menor proporção: 7,4%.

Dois de três depósitos de bebida na Maré, Gilmar de Souza Andrade, de 38 anos, é um dos que contribuem para fazer do lugar uma sucursal do Nordeste. Desde que chegou ao Rio, vindo de Serra Branca, na Paraíba, ele já trouxe cerca de 60 contêineres para a cidade. As pessoas vêm com emprego certo e não pagam aluguel, ficando em alojamentos de sua propriedade na Maré.

Gilmar partiu de Serra Branca há 22 anos, mas a cidade nunca saiu de sua cabeça. No escritório da Maré, as lembranças estão por toda parte, como na proteção de tela do computador.

— Quando vou a Serra Branca, fotografo tudo, até o umbuzeiro onde brincava quando criança.

Em Rio das Pedras, o sergipano Joelson Rodrigues dos Santos, de 39 anos, o Cegonha — apelido que recebeu por causa dos óculos de lentes grossas — ajuda os nordestinos a matar a saudade da terra. Ele é dono de um bar na favela onde o forró esquenta noites e madrugadas.

— Nos fins de semana, o forró começa às 23h

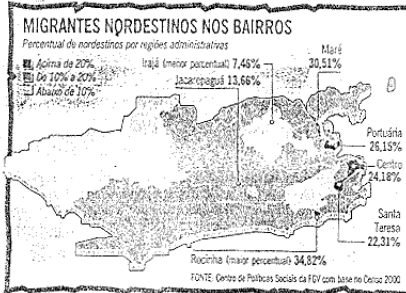
'Tem Chovido aí?'

"Oi papai, como vai? Espero que esteja bem. Eu estou bem, apesar da saudade. Papai, gostaria de saber notícias daí. Como estão meus primos e os amigos que deixei por aí? Fale um pouco das festas. Tem tido vaquejadas? Tem chovido ou continua seco? Tenho saudades de tudo e de todos daí. Vou terminar desejando boa sorte e pedindo que o senhor reze para que Deus nos proteja. Quando der, vou aí matar a saudade."

De Gilmar de Souza Andrade, na Favela da Maré, para o pai, Irajá Lauretino de Andrade, em Serra Branca, na Paraíba



OSVALDO com a mãe Luana e a mulher Lindalva em Carapebus, reduto de nordestinos no Norte do estado: desemprego e desilusão



para conseguir emprego: trabalha como cozinheira e arrumadeira numa pensão, onde faz um vatapá de dar água na boca.

— Não há um dia em que não se pense na minha família. Mas não sei se quero voltar. A vida aqui é muito melhor.

Já Osvaldo Limeira de Amorim, de 58 anos, e sua mulher Lindalva, de 57, que migraram da Paraíba para Carapebus há cinco anos, movidos pelo sonho do petróleo, não vêem a hora de voltar.

— O Rio de Janeiro é só ilusão — diz Osvaldo, que está desempregado.

Influência na cultura e na culinária

• Até a mais carioca das instituições rendeu-se ao gosto do Nordeste: o queijo coalho, que chegou de fininho ao Eldorado fluminense, aos poucos foi invadindo a nossa praça. O produto nordestino hoje é vendido em qualquer pedaço de área por ambulantes, cuja presença pode ser rastreada pelo cheiro inconfundível — ou quase, já que, ao migrar para o Sudeste, o queijo ganhou tempero italiano, o oregano.

Queiram ou não os cariocas mais empedernidos, o Rio tem, sim, a sua porção severina. Pelos números da FGV, 12,17% dos moradores da cidade migraram do Nordeste. Segundo o historiador Milton Teixeira, a influência nordestina acontece principalmente na culinária — que, além do queijo coalho, pôs na mesa do carioca iguarias como o feijão-de-corda, a manteiga de garrafa, o bolo-

de-rolê e o sorvete de tapioca — e na cultura, com a popularização de ritmos como o forró.

— Hoje o número de restaurantes de culinária nordestina no Rio é impressionante — afirma o Milton Teixeira. — Por ser uma cidade portuária, o Rio recebe influência cultural de várias regiões.

Um dos legados da migração do Nordeste para o Rio é a Feira dos Nordestinos, que desde setembro de 2003 funciona dentro do Pavilhão de São Cristóvão (chamado oficialmente de Centro Luiz Gurgel de "Tribos Nordestinas") e atrai uma das atrações turísticas da cidade.

São 694 barracas, entre restaurantes, bares, lojinhas e açougues, espalhadas por uma área de 3 mil metros quadrados. Segundo a Secretaria Especial de Desenvolvimento Econômico do município, a feira recebe 500 mil visitantes por mês.

— A Feira dos Nordestinos nos põe em contato com a nossa terra. Quando vou lá, não preciso falar com ninguém. Só de estar ali já me sinto bem — afirma a baiana Bernardina de Jesus Lima, de 42 anos, presidente da Associação Brasileira de Assistência ao Migrante (Abami).

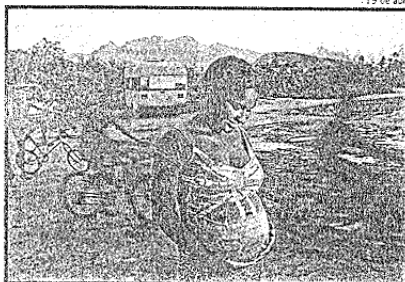
Filha de Cratéus, no sertão do Ceará, Francisca Alda Hortência Dias, de 42 anos, conhecida como Chiquita, é dona de uma das barracas de comida da feira. Ela tem 43 empregados, dos quais 30 vieram da Bahia. Uma de suas atrações, além do baiao-de-dois e da buchada de bode, é a caipirrita, espécie de genérico da caipirinha feita com frutas típicas do Nordeste, como o caju, a seriguela e o umbu, usadas de acordo com a época.

— Hoje você encontra queijo coalho, carne-de-sol, aipim frito e tapioca em vários lugares do Rio. Antes, quando se falava do Nordeste, era só seca e fome. Agora, pelo menos, falam de comida — brinca Francisca.

Sonho de retirante nasce numa favela carioca

• Seguindo pela Rua da Boa Esperança, um caminho esburacado na Favela conhecida como Antiga Creche da Colônia (Juliano Moreira), em Curicica, Jacarepaguá, chega-se ao cômodo de nove metros quadrados onde mora Eliane Pereira da Silva Araújo, de 19 anos. Ela acalenta a filha recém-nascida Eliane, a primeira carioca da família e símbolo da vida nova que ela e o marido, o lanterneiro Sebastião Araújo, de 35 anos, escolheram ao deixar ano passado Teresina, no Piauí, para tentar a sorte no Rio.

O casal paga R\$ 120 de aluguel pelo cômodo, onde se amontoa geladeira, fogão, cama, aparelho de TV — tudo de segunda mão — herço doado por amigos, carrinho de bebê comprado por R\$ 150 em três prestações,



"E não há melhor resposta que o espetáculo da vida: vê-la desfiar seu fio, que também se chama vida, ver a fábrica que ela mesma, teimosamente, se fabrica, vê-la brotar como há pouco em nova vida explodida; mesmo quando é assim pequena a explosão, como a ocorrida; como a de há pouco, franzina; mesmo quando é a explosão de uma vida severina."

FRAGMENTO DE "NORTE E VIDA SEVERINA", DE JOÃO CARVAL DE MELO NETO



ELIANE da Silva Araújo com nove meses de gravidez e com a filha carioca Eliane, recém-nascida numa favela em Curicica, Jacarepaguá, de Teresina para o Rio

plã, ventilador de pé, armário e cômoda. Eliane sabe que o quarto é pequeno, mas seus sonhos cabem perfeitamente dentro dele.

— Para quem chegou ao Rio com três malas, já conseguimos muito — diz Eliane, que cursa a primeira série do ensino médio e sonha fazer enfermagem. — Lá em Teresina é difícil conseguir emprego. E quando se conse-

guem, pagam pouco. Gosto da minha terra. Não fosse por causa de emprego, não teria vindo. Sebastião levou só quatro dias para conseguir emprego no Rio. Ele trabalha como pintor e lanterneiro numa oficina de Jacarepaguá. Não tem carteira assinada, mas, segundo a mulher, está melhor do que no Piauí.

— Meu esposo já ficou um ano parado. Ele

estando empregado e o patrão pagando em dia, está bom demais — diz a jovem.

Eliane está satisfeita com o Rio e, embora não tenha sofrido qualquer tipo de violência desde que chegou, ela se diz assustada.

— Já presenciei assaltos dentro de ônibus e isso me impressionou um pouco. Antes, só tinha visto essas coisas na TV — conta.

estando empregado e o patrão pagando em dia, está bom demais — diz a jovem.

Eliane está satisfeita com o Rio e, embora não tenha sofrido qualquer tipo de violência desde que chegou, ela se diz assustada.

— Já presenciei assaltos dentro de ônibus e isso me impressionou um pouco. Antes, só tinha visto essas coisas na TV — conta.